

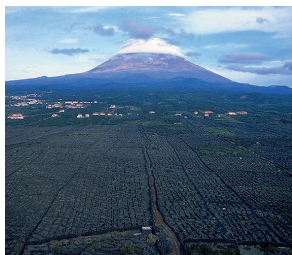
II WORKSHOP

# DOURO E PICO

PAISAGENS CULTURAIS, PATRIMÓNIO MUNDIAL:  
VALORIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

**4 OUTUBRO 2018**

FLUP, ANFITEATRO NOBRE



PROGRAMA  
LIVRO DE RESUMOS

 **CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

### **Comissão Científica**

Gaspar Martins Pereira  
Norberta Amorim  
Lúcia Rosas  
Mário Barroca

### **Comissão Organizadora**

Otilia Lage  
Carla Sequeira  
Natália Fauvrelle  
Paula Montes Leal  
Marlene Cruz

### **Organização**

CITCEM (Grupo de Investigação «Valores de Transacção/Valores em Transição», em colaboração com os grupos «Território e Paisagem», «Património Tangível e Intangível» e «Populações e Saúde»)

### **Secretariado**

Vasco Sistelo  
Vanessa Sousa

### **Apoios**

Comissão Nacional da UNESCO – MNE  
ICOMOS/CCDRN – Unidade de Missão Douro (Vila Real)  
Museu do Douro  
Parque Natural da Ilha do Pico – Gabinete Técnico da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico

# PROGRAMA

---

**9h00:** Recepção e entrega de documentação.

**9h30:** Abertura dos trabalhos.

(Coordenadora Científica do CITCEM/Comissão Científica e Comissão Organizadora do Workshop)

## ESTRATÉGIAS DE VALORIZAÇÃO DAS PAISAGENS/PATRIMÓNIO DOURO E PICO

### PAINEL 1

**Moderação:** Otilia Lage

**10h00:** *Muros de Basalto Negro: um repositório da geodiversidade, da biodiversidade e da História da ilha do Pico.*

Manuel Paulino da Costa (Direcção Regional do Ambiente dos Açores/CITCEM)

**10h15:** *Alto Douro Vinhateiro Património da Humanidade – contributos para a sua valorização e sustentabilidade.*

Helena Teles (CCRND – Unidade Missão Douro)

**10h30:** *Prémio Arquitectura do Douro.*

Filinto Girão (CCRND)

**10h45:** *De que é que se fala quando se fala de paisagem?*

Álvaro Domingues (Faculdade Arquitectura, U. Porto)

**11h00:** Debate e Comentário.

Gaspar Martins Pereira (FLUP/CITCEM)

**11h15:** Pausa para café.

### PAINEL 2

**Moderação:** Carla Sequeira

**11h30:** *Identificar para Conservar – um projeto de conservação no território.*

Carlos Mota (Museu do Douro/CITCEM)

**11h45:** *Património(s) de Provesende.*

Nisa Pereira Félix da Rocha (CITCEM)

**12h00:** *Pico e Douro: actividade vinhateira como princípio modelador arquitectónico.*

Luís Paulo Pacheco, Mónica Alcindor  
(Escola Superior Gallaecia – V. N. Cerveira)

**12h15:** *Valorização da arquitectura vernácula como estratégia de desenvolvimento sustentável da Paisagem cultural da Ilha do Pico: O Projeto 3D Past.*

Goreti Sousa, Rui Florentino (Escola Superior Gallaecia)

**12h30:** Debate e Comentário.

Lúcia Rosas (FLUP/CITCEM)

**12h45:** Pausa para Almoço.

## ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES EM PERSPECTIVA COMPARADA

### PAINEL 3

**Moderação:** Carlota Santos

**14h30:** *O processo criativo e os currais da Ilha do Pico.*

Damião Matos (Escola Superior Gallaecia)

**14h45:** *Um almoço há 120 anos.*

Paula Montes Leal (CITCEM)

**15h00:** *Trabalhos e trabalhadores na Quinta do Vesúvio em 1870.*

Albano Viseu (CITCEM)

**15h15:** *A 1ª República na Região Duriense.*

Carla Sequeira (CITCEM)

**15h30:** *Quadrangulação na formação de regionalidade como experiência: do Alto Douro à zona do Pico.*

Shawn S. Parkhurst (University of Louisville, USA)

**15h45:** Debate e Comentário.

Carlota Santos (U. Minho/CITCEM)

**16h15:** Pausa para café.

#### PAINEL 4

**Moderação:** Paula Montes Leal

**16h30:** *Singularidade de uma ilha e identidade de um povo:*

*o homem e a cultura da vinha do Pico.*

Maria Maciel (CITCEM)

**16h45:** *Os marítimos do município da Madalena – Análise demográfica diferencial (Séculos XVIII-XIX).*

Carlota Santos (U. Minho/CITCEM)

**17h00:** *Ecoturismo nas paisagens culturais vinhateiras do Pico e Alto Douro, Património Mundial: Valorização e desenvolvimento sustentável.*

Lídia Aguiar (U. Minho/CITCEM ISCET/CITCEM)

**17h15:** *O Douro e o Pico de Raul Brandão: Aproximação dialógica.*

Otília Lage (CITCEM)

**17h30:** Debate e Comentário.

Norberta Amorim (CITCEM)

**17h45:** Apresentação do e-book (Atas do I Workshop, 2017)

*Alto Douro e Pico – paisagens culturais vinhateiras património mundial em perspectiva multifocal: experimentação comparada* por Gaspar Martins Pereira e Norberta Amorim.



# RESUMOS

---

# 1.

## MUROS DE BASALTO NEGRO: UM REPOSITÓRIO DA GEODIVERSIDADE, DA BIODIVERSIDADE E DA HISTÓRIA DA ILHA DO PICO

---

### MANUEL PAULINO DA COSTA

Parque Natural do Pico – Direção Regional do Ambiente dos Açores,  
Lajido de Santa Luzia, 9940-108 São Roque do Pico  
Email: manuel.ps.costa@azores.gov.pt

#### Resumo

Toda a Paisagem da Cultura da Vinha é marcada por reticulados de muros negros, construídos a partir de pedra seca solta, com o objetivo de proteger a vinha dos fortes ventos e do rossio do mar.

As vinhas que produzem o vinho do Pico, eram e são plantadas nas fendas das escoadas lávicas de basalto, o que confere à paisagem daí resultante um carácter único. Os muros de pedra negra, formam uma estrutura planeada para tirar o máximo proveito do terreno e para facilitar o transporte e armazenamento das colheitas, bem como o escoamento do produto final.

A grande propriedade está dividida em *jeirões*, separados pelos muros das verdadeiras transversais, as *servidões*, onde desembocam as *canadas*. As *canadas* são o elemento estrutural da vinha, sendo interceptadas perpendicularmente por muros mais pequenos, os *traveses*, os quais formam uma sequência de retângulos, os característicos *currais*.

Nesta paisagem não houve uma alteração da morfologia do terreno, mas sim um moldar dos muros construídos no relevo esculpido pelas escoadas lávicas.

Ao olharmos para as rochas que formam estes muros de pedra negra, estamos também a fazer uma viagem pela história geológica do local, pois cada rocha é um fragmento das sucessivas escoadas lávicas que, uma após outra, foram construindo a ilha, erupção após erupção.



Para além da função de abrigo e de proteção das vinhas, os muros de pedra negra que muitas vezes se encontram revestidos por musgos e líquenes raros, servem ainda de proteção ao morcego endémico dos Açores, o *Nyctalus azoreum* e a aves marinhas como os cagarros (*Calonectris diomedea borealis*), que nidificam junto a eles ou em pequenas cavidades vulcânicas.

### **Palavras-chave**

*Currais* do Pico; Armação do terreno na paisagem da cultura da vinha; Biodiversidade e Geodiversidade vulcânica.

### **Nota biográfica**

Nasceu a 11 de Maio de 1970, na freguesia de Matriz, concelho de Horta.

Obteve a Licenciatura em Geologia pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa em 1994.

Exerce atualmente as funções de Diretor do Serviço de Ambiente da Ilha do Pico, Parque Natural do Pico e do Gabinete Técnico da Paisagem da Cultura da Vinha da ilha do Pico desde 2011.

É Coordenador Geral do Geoparque Açores, Geoparque Mundial da UNESCO e Representante da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – classificada como Património Mundial da UNESCO, na Rede do Património Mundial de Portugal.

No âmbito da sua atividade profissional, tem vindo a participar em diversos congressos nacionais e internacionais, apresentando diversas comunicações.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

## 2.

# ALTO DOURO VINHATEIRO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE — CONTRIBUTOS PARA A SUA VALORIZAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

---

## HELENA TELES

Chefe da Estrutura Sub-regional de Vila Real da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte/Missão Douro

### Resumo

Respondendo a mais um desafio lançado pelo CITCEM, na pessoa da Sr.<sup>a</sup> Professora Doutora Otilia Lage, agradecendo o convite formulado para participarmos no II Workshop “Alto Douro e Ilha do Pico paisagens culturais património mundial”, desta feita subordinado aos temas da valorização e sustentabilidade, apresentamos a seguinte proposta de comunicação:

Em 2017, visando uma abordagem comparada às duas paisagens vinhateiras classificadas como Património Mundial, a Ilha do Pico e o Alto Douro enquanto testemunhos de duas realidades distintas, entendemos pertinente apresentar o sistema de gestão e monitorização adotadas para esta área classificada. Assim, de forma sintética adorámos, numa primeira fase, as características biofísicas e os aspetos históricos traduzidos na singularidade da paisagem, que conferem Valor Universal Excepcional ao Alto Douro Vinhateiro, depois, numa segunda fase, o enquadramento institucional do sistema de gestão e monitorização e a forma adaptativa, integrada e efetiva como acompanhámos as dinâmicas territoriais deste Bem.

O tema proposto para este segundo workshop convida a uma abordagem mais prática, pelo que se propõe a apresentação de dois casos particulares que, no contexto das boas práticas se podem assumir como contributos importantes para a valorização e sustentabilidade do ADV enquanto paisagem cultural, evolutiva e viva.

Com efeito, a Resolução de Conselho de Ministros n.º 4/2014 de 10 de janeiro determinou que a missão de proteger, conservar e valorizar, bem como divulgar e promover a “Paisagem Cultural, Evolutiva e Viva do Alto Douro Vinhateiro” passaria a ser diretamente prosseguida pela CCDRN, numa opção do Estado Membro que levou ao desenho de um sistema de gestão adequado às necessidades do território, na sua complexidade física e institucional e que fossa ainda ao encontro das determinações da UNESCO. Neste contexto, lembrámos o papel Gabinete Técnico Missão Douro, corpo operacional no terreno que, para além de assegurar a prossecução dessa missão, assegura a gestão efetiva do território, tendo em conta as competências conjuntas da Estrutura Sub-regional de Vila Real, unidade orgânica da CCDRN, no âmbito do Ordenamento do Território, Ambiente e Monitorização.

Reflexo dessa missão maior, os casos que nos propomos apresentar concorrem de forma direta para a valorização e sustentabilidade do ADV.

### **1. 10 anos de Prémio de Arquitetura do Douro**

Promovido pela Missão Douro, o Prémio Arquitetura do Douro é um concurso bienal que tem como objetivo reconhecer e promover as boas práticas no domínio da arquitetura e dos projetos levados a cabo na região após a inscrição do Alto Douro Vinhateiro na Lista do Património Mundial da UNESCO em 14 de dezembro de 2001. Podem concorrer intervenções de construção, conservação ou reabilitação de edifícios ou conjuntos arquitetónicos, bem como intervenções de desenho urbano em espaço público.

Lançado em 2006, no âmbito das comemorações dos 250 anos da instituição da Região Demarcada do Douro pelo governo do Marquês de Pombal, este concurso tem contribuído para a sensibilização de todos os agentes no território sobre a importância de se implementarem projetos de qualidade, capazes de salvaguardar e valorizar os valores paisagísticos e patrimoniais da sua envolvente, pela integração harmoniosa de soluções arquitetónicas, que consubstanciem mais-valias claras para a valorização do território.

O júri do concurso é composto pela CCDR-N, pela Direção Regional da Cultura do Norte, pelas Entidades Regionais de Turismo do Porto e do Norte, pela Secção Regional do Norte da Ordem dos Arquitetos e o vencedor da edição anterior.

Em 2017, a Missão Douro enquanto promotora da iniciativa, assinalou o 10 aniversário deste galardão com uma exposição fotográfica das obras galardoadas, e com a publicação do livro *10 Anos – Prémio Arquitetura do Douro*, como forma

de reconhecer o contributo dos atores regionais na promoção do Alto Douro Vinhateiro, através da arquitetura, dele resultando uma paisagem cultural cada vez mais humanizada, valorizada e sustentável.

## **2. Avaliação de Impacte em Património**

Esta prática de gestão relaciona-se de forma direta com a implementação no terreno dos projetos públicos e privados que pela sua dimensão e tipologia merecem uma abordagem especial, integrada e holística no que respeita à avaliação de impactes.

Reportamo-nos mais uma vez ao papel do Gabinete Técnico Missão Douro que, pelas funções que lhe estão cometidas integra as Comissão de Avaliação Ambiental e participa nos processos de Avaliação de Impactes Ambientais, dando enfoque à salvaguarda dos atributos do Bem, equacionando sempre as alternativas e soluções menos lesivas dos valores em presença, avaliando ainda os efeitos cumulativos dos projetos.

A título de enquadramento abordamos de forma muito sucinta os mecanismo de proteção e salvaguarda do Património Mundial em Portugal: com efeito, no momento da inscrição de um Bem na lista do Património Mundial da UNESCO, este e a sua respetiva zona especial de proteção, ficam protegidos pela legislação portuguesa adquirindo de imediato o estatuto de Monumento Nacional, sob a tutela do Ministério da Cultura, sendo que a Lei n.º 107/01 de 8 de setembro estabelece as bases da política e do sistema de proteção e promoção do património cultural. Ao nível do território cada município assegura a aplicação dos respetivos regulamentos municipais que incorporam regras específicas nesta matéria, já como caso concreto do Alto Douro Vinhateiro, existe um Plano Intermunicipal de Ordenamento do Território que agrega os 13 municípios inscritos na área delimitada com normas orientados fundamentais para a preservação a salvaguarda da paisagem classificada.

Destaca-se neste contexto o Regime Jurídico da Avaliação de Impacte Ambiental (AIA), o Decreto-Lei n.º 151-B/2013 de 31 de outubro, com as alterações efetuadas pelo Decreto-Lei n.º 47/2014 de 24 de março, e pelo Decreto-Lei n.º 179/2015 de 27 de agosto, bem como o documento que orienta a Avaliação de Impactes em Património publicado em 2011 pelo ICOMOS – Orientações para a Avaliação de Impactes no Património destinadas a ser aplicadas aos projetos que pudessem ter impactes significativos nos Bens inscritos na lista do Património Mundial.

A AIA possibilita a “identificação e previsão dos efeitos ambientais de determinados projetos, bem como a identificação e proposta de medidas que evitem, minimizem ou compensem esses efeitos, tendo em vista uma decisão sobre a viabilidade da execução de tais projetos e respetiva pós-avaliação”, implicando por isso a análise de fatores ambientais como o Clima; Geologia, Geomorfologia e Recursos Minerais; Recursos Hídricos Superficiais e Subterrâneos; Qualidade do Ar; Ambiente Sonoro; Fauna, Flora, Vegetação Habitats e Biodiversidade; Solo e Uso do Solo; Ordenamento do Território; Socio-economia; Património Cultural; Paisagem; Análise de Risco.

Já a Avaliação de Impacte em Património (AIP) incide sobre o Bem como um todo, onde para além dos atributos referidos se incluem outras componentes patrimoniais, como a imaterial e o contexto histórico e demais atributos que conferem Valor Universal Excepcional ao Bem.

A AIP pode decorrer de forma integrada no procedimento de AIA ou de forma autónoma, sempre que se entenda pertinente e necessário, sobretudo para projetos que por lei não estejam sujeitos a AIA e corresponde um exercício desenvolvido por uma equipa inter e pluridisciplinar.

O Guia do ICOMOS é uma importante ferramenta de trabalho na medida em que propõe uma metodologia ajustável aos diferentes objetos de estudo, assumindo como ponto de partida para o conhecimento e compreensão do Bem a própria Declaração de Valor Universal, os atributos, a evolução histórica e o contexto socioeconómico em que se desenvolve o processo. A gestão e recolha de informação são assim determinantes uma análise, o mais abrangente possível, da inter-relação entre os diferentes “património” em presença e as suas singularidades, como fator determinante para a correta avaliação da vulnerabilidade à mudança.

A Avaliação de Impacte em Património tem sido uma boa prática assumida na gestão do ADV, com resultados muitos positivos para a salvaguarda e sustentabilidade da paisagem classificada. Além do mais, vai ao encontro da *Declaração de Sintra*, documento orientador saído da Conferência sobre avaliação de Impactes em Património, realizada em Sintra nos dias 8 e 9 de novembro de 2017.

### **Palavras-chave**

Estratégias de valorização e sustentabilidade do Alto Douro Vinhateiro; CCDR-N/ Gabinete Técnico Missão Douro; Avaliação de impactes Ambientais no Património.

### **Nota biográfica**

Maria Helena Teles, natural de Vila Real, onde nasceu em 1963, é formada em Engenharia Civil e especializada em Gestão.

É Chefe da Estrutura Sub-regional de Vila Real da CCDR-N, com competências na área do ambiente, ordenamento do território e desenvolvimento regional, bem como do Programa Operacional Norte 2020, tendo ainda a seu cargo a gestão dos recursos humanos, técnicos e logísticos afetos a essa Estrutura. Assegura a gestão da Missão Douro, dando apoio operacional ao Gestor do Sítio e Presidente da CCDRN, na missão de proteger, conservar, valorizar, promover e divulgar a Paisagem Cultural do Alto Douro Vinhateiro Património Mundial.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# 3.

## PRÉMIO ARQUITECTURA DO DOURO

---

### FILINTO GIRÃO

CCDRN – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte

#### Resumo

A Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte é a única entidade da administração regional do Continente que detém nas suas competências a atribuição de gestão de um bem cultural Património Mundial, competindo-lhe a sua salvaguarda, nomeadamente quanto à manutenção da integridade e autenticidade, e a sua valorização territorial e social.

Neste contexto a CCDR-N promove o Prémio Arquitectura do Douro. Lançada em 2006 por ocasião das comemorações dos 250 anos da Região Demarcada do Douro (RDD), com periodicidade bienal, esta iniciativa destina-se a promover a cultura arquitectónica e as boas práticas do exercício da arquitectura realizadas na região do Alto Douro após a inscrição do Alto Douro Vinhateiro na Lista do Património Mundial da UNESCO (14 de Dezembro de 2001) e concretizadas de construção, conservação ou reabilitação de edifícios ou conjuntos arquitectónicos construídos, bem como em intervenções desenho urbano em espaço público.

Após cinco edições e já com cinco prémios entregues e nove menções honrosas atribuídas, ao perfazer dez anos de existência, o Prémio Arquitectura do Douro está palmilhando um caminho consistente, confirmando o papel fundamental da arquitectura contemporânea de qualidade na valorização dos sítios Património Mundial, sendo reconhecido como uma boa prática para incentivo e promoção da cultura arquitectónica na região do Alto Douro enquanto paisagem cultural evolutiva e viva.

### **Palavras-chave**

Prémio Arquitectura do Douro; CCDR-N (2006); Conservação e reabilitação arquitectónica na região do Douro, Património Mundial; Estratégias de Valorização e Sustentabilidade do Alto Douro Vinhateiro.

### **Nota biográfica**

Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, FAUP (1995), foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em 1986/88. Mestre em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico pelo FAUP (2007). Desde 1996 trabalha na Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, CCDR-N, tendo ao longo dos anos assumido funções ligadas com o ordenamento do território e o património cultural. De 2008 a 2014 integrou a equipa da Estrutura de Missão para a Região Demarcada do Douro. Presentemente o seu trabalho na CCDR-N continua ligado ao Alto Douro Vinhateiro.



# 4.

## DE QUE É QUE SE FALA QUANDO SE FALA DE PAISAGEM?

---

### ÁLVARO DOMINGUES

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

#### Resumo

O conceito de paisagem tornou-se de tal forma vago e genérico que já não se sabe muito bem o que é que denomina e para o que é que serve. Paisagem torna-se assim um dispositivo de inteligibilidade do real de uma extrema voracidade – é omnívoro. Alimenta-se praticamente de tudo, com a vantagem de tornar visível (dar a ver ou representar enquanto estratégia de objectivação) qualquer problemática sujeita a um processo de “paisagificação” (*mis en paysage*). Os recursos usados nestas manobras de produção de sentido percorrem um imenso espectro que vai desde a “estetização”, à diversidade dos discursos de “cientificação”, desde a geografia, ao paisagismo ou à ecologia da paisagem. Na literatura, a geopoética veio expandir outras dimensões de sentir o mundo através da escrita sobre a paisagem.

Para além disso, o carácter necessariamente mutável das paisagens confere-lhes conteúdos instáveis, contraditórios, dotados de um elevado poder de dramatização. O conflito permanente entre a preservação/destruição; estabilidade/ameaça; prazer/descontentamento; aceitação/negação; incerteza, etc., produzem uma tensão constante que encontra na própria diversidade e contradição sociais, uma fonte permanente de consciência e racionalidade agónicas, ávidas de confronto, negociação, normatividade, imposições, penalizações,... de modo a regular a conflitualidade.

É por esta razão que a paisagem enquanto dispositivo de partilha e discussão sobre territórios/sociedades se revela de uma extrema utilidade para se perceber de que se fala realmente quando se fala de paisagem, quem usa a palavra, que argumentos defende, que estratégias de legitimação suportam a autoridade de quem fala e do que fala, enfim, quais são e o que revelam as polémicas políticas sobre a paisagem, os lugares comuns dos colectivos que se envolvem nessas polémicas.

### **Palavras-chave**

Paisagem e mutabilidade; “Paisagificação”; Discursos e polémicas sobre a paisagem; Paisagens/territórios/sociedades.

### **Nota biográfica**

Geógrafo, Doutorado em Geografia Humana, Investigador, ensaísta e Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Foi colaborador da Porto 2001, Capital europeia da Cultura. É autor e co-autor de vários livros, entre os quais e mais recente “Volta a Portugal” (1ª edição, Contraponto, 2017). Publica regularmente (texto e fotografia) em jornais e revistas especializadas e generalistas e participa em conferências, exposições e eventos de divulgação científica e de *performance* artística. Enquanto ensaísta, estuda sobretudo a metamorfose recente da sociedade e do território portugueses.

## 5.

# IDENTIFICAR PARA CONSERVAR — UM PROJETO DE CONSERVAÇÃO NO TERRITÓRIO

---

**CARLOS MOTA**

Museu do Douro/CITCEM

### Resumo

O Museu do Douro, enquanto museu de território, inclui na sua missão a preservação dos bens culturais da Região Demarcada do Douro (RDD). Considerando que os bens culturais móveis à guarda das instituições públicas e privadas da RDD são documentos “vivos”, desenvolveu-se um programa com o objetivo de sensibilizar e fomentar a preservação ativa desses mesmos bens.

O projeto plurianual *Identificar para conservar*, iniciado em 2016, desenvolve-se juntamente com os municípios da Região, que identificam e selecionam bens cuja conservação é prioritária, ficando a cargo do Museu a intervenção. Nesta primeira fase do projeto aderiram onze municípios.

Todo o processo de conservação considerou o envolvimento das comunidades locais e da tutela responsável pelos bens identificados, além do conhecimento prévio das peças a intervencionar através do estudo histórico-artístico, do levantamento fotográfico documental e do levantamento analítico. As intervenções têm por base uma metodologia curativa sustentável, privilegiando-se o uso de materiais de origem natural, ecológicos, economicamente viáveis. No decurso do projeto são também levadas a cabo ações de divulgação e sensibilização junto da comunidade, nomeadamente através de oficinas de formação em cuidados preventivos, promovendo-se as boas práticas de preservação das peças *in situ*, de forma a prolongar a sua existência.

O objetivo desta comunicação é, além de dar a conhecer uma outra forma de relacionamento entre o Museu e a sua comunidade, estimular os participantes para uma reflexão sobre técnicas e procedimentos implementados e a implementar neste projeto.

### **Palavras-chave**

Museu do Douro e Região Demarcada do Douro; Projecto intermunicipal *Identificar para conservar*; Património – técnicas e procedimentos de conservação.

### **Nota biográfica**

Licenciado em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar (pré-Bolonha, 2000-2005).

Técnico de Conservação e Restauro no Museu José Malhoa (2005-2006). Desde Agosto de 2006 desempenha funções de Conservador-Restaurador na Fundação Museu do Douro, sendo responsável pelo desenvolvimento de projetos de conservação-restauro para este museu de território. Investigador colaborador do CITCEM desde 2012.

Desenvolve projeto de investigação com base no princípio da sustentabilidade da Conservação-restauro no contexto museal, em particular sobre a técnica de preservar em azoto, a longo prazo, em cápsulas de baixo custo. Procura contribuir para a compreensão da influência da humidade na conservação de materiais encapsulados sob atmosfera anóxica. Esta investigação enquadra-se no seu projeto de doutoramento em museologia, na Universidade do Porto (na atualidade com matrícula suspensa).

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# 6.

## PATRIMÓNIO(S) DE PROVESENDE

---

### **NISA PEREIRA FÉLIX DA ROCHA**

Colaboradora CITCEM. Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Email: nisafelix@gmail.com

#### **Resumo**

A distinção do Alto Douro Vinhateiro como de Valor Universal advém das suas características ímpares, sobretudo da sua paisagem cultural singular que resulta da evolução secular do cultivo da vinha. Provesende está implantada a meia encosta e em terreno pouco acidentado, se forem tidos em conta outros povoados da região. Provesende distingue-se pela diversidade de Património que apresenta. Para esta comunicação pretendemos criar um roteiro de património arquitetónico, percorrendo Provesende através das suas notáveis construções criando, deste modo, uma análise sincrónica e diacrónica das mesmas.

Esta reflexão torna-se importante pois, e como afirmou Carlos Alberto Ferreira de Almeida, “o Património não pode ser olhado como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado mas, antes, como algo que tem de fazer parte do nosso presente”. Entendendo o Património como uma união entre o passado e o presente elaboraremos assim uma visita guiada pelas arquiteturas de habitação e produção, pelas arquiteturas religiosas e também pela arquiteturas públicas, inserindo-as no desenho urbano e na paisagem. Como pontos de interesse deste itinerário teremos, entre outros, a Casa da Calçada, a Casa do Santo, o Solar dos Beleza, a Igreja de São João Batista (Igreja Matriz) e também o Pelourinho e a Fonte.

### **Palavras-chave**

Itinerário arquitectónico no Douro (Cima Corgo); Patrimónios de Provesende (Sabrosa).

### **Nota biográfica**

Nisa Pereira Félix da Rocha, natural de Santa Maria da Feira, é atualmente colaboradora do CITCEM. Na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) frequentou a Licenciatura em História da Arte, bem como o Mestrado em História da Arte Portuguesa. Obteve o Grau de Mestre em 2015 com o Relatório de Estágio intitulado *Reflexo(s) do Porto: Processo para a Produção de um Guia do Azulejo na Cidade*. Neste momento dedica a sua investigação ao estudo do património tangível e intangível do Alto Douro Vinhateiro com o intuito de concluir o 3º Ciclo em Estudos do Património.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# 7.

## PICO E DOURO: ACTIVIDADE VINHATEIRA COMO PRINCÍPIO MODELADOR ARQUITECTÓNICO

---

### **LUÍS PAULO PACHECO**

Docente na ESG – Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira) do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo. Email: luispaulo@esg.pt

### **MÓNICA ALCINDOR**

Docente e Vice-Diretora na ESG – Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira) do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo. Email: monicaalcindor@esg.pt

### **Resumo**

Esta reflexão compara a arquitetura que determina as paisagens em dois contextos geográficos diferentes, mas historicamente relacionados: a ilha do Pico nos Açores e o Alto Douro em Portugal continental. Os métodos de implantação e de construção são abordados com o objetivo de tornar visíveis diferentes forças socioculturais, tais como instituições sociais, artefactos e conceitos culturais relacionados com a cultura do vinho. Em termos metodológicos parte-se de uma escala temporal mais longa para deduzir que as ações dos indivíduos enquadram-se por atividades enraizadas em tradições e funcionalidades ajustadas às dinâmicas económicas e sociais. Dessas dinâmicas resultam práticas que, mesmo separadas espacialmente, repetem-se e resultam em arranjos patrimoniais e paisagísticos muito semelhantes.

### **Palavras-chave**

Arquitetura e cultura do vinho no Alto Douro e na ilha do Pico; Comparação de patrimónios e paisagens – dinâmicas e práticas (ADV e Pico-Açores).

### **Nota biográfica**

Luís Paulo Novais Pacheco

1999 – Mestre em arquitetura FA-UTL.

1999-2018 – Docente ESG – Escola Superior Gallaecia.  
2000-2015 – Coordenador do Sistema de Construção Sustentável e Sistema Modular de Casas em Madeira em Habitação – DesignPortugal.  
2011 – DEA-USC (Universidade de Santiago de Compostela).  
2010-2012 – Presidente do Conselho Pedagógico ESG – Escola Superior Gallaecia.  
2012-2018 – Coordenador de Projetos e Obra – consultancy.design.  
2016 – nZEB Designer Certificate.  
2016 – Título de Especialista em Projeto e Tecnologias da Construção.  
2017 – Ci-ESG/Centro de Investigação da Escola Superior Gallaecia.

#### Mónica Alcindor

1999 – Arquiteta pela Universidade de Sevilha.  
2002 – Direção de obra em Bangolo de Costa de Marfim como representante de “Arquitectos sin fronteras – Espanha”.  
2006-2015 – Fundadora e arquiteta no escritório [www.bangolo.com](http://www.bangolo.com)  
2010 – Pós-graduação: Técnicas de intervenção (UPC).  
2010-2012 – Docente em EPSEB (UPC) – Barcelona .  
2011 – Doutoramento na UPC – Barcelona.  
2012 – 1º prémio ibérico sobre investigação de arquitectura tradicional.  
2013 – Atualidade – Docente em ESG (Portugal).  
2015 – 1ª prémio XII Premis Ecoviure.  
2016 – Atualidade Vice-Diretora do curso de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo em ESG.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.



## 8.

# VALORIZAÇÃO DA ARQUITETURA VERNÁCULA COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA PAISAGEM CULTURAL DA ILHA DO PICO: O PROJETO 3D PAST

---

## GORETI SOUSA

CIESG – Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira). Email: goretisousa@esg.pt

## RUI FLORENTINO

CIESG – Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira). Email: ruiflorentino@esg.pt

### Resumo

O projeto 3D Past Living & virtual visiting European World Heritage, financiado pelo programa *Creative Europe* pretende contribuir para a valorização do património vernáculo europeu, em especial aquele que integra os *World Heritage Sites* ainda habitados. Os seus objetivos passam por estudar a espacialidade e qualidade da arquitetura vernácula de forma a contribuir para a qualidade de vida nestes locais, compreender estes espaços culturais e a sua evolução histórica e desenvolver o potencial associado à cultura imaterial que ainda conservam e a sua expressão territorial. Metodologicamente trata-se de elaborar um estudo comparativo e multidisciplinar assente em três dimensões (histórica, arquitetónica e construtiva) que seja passível de divulgação com recurso a ferramentas de comunicação baseadas nas tecnologias da realidade virtual e realidade aumentada, desenvolvidas pelas instituições parceiras do projeto como ferramentas didáticas e veículos de comunicação interativos, que ajudem a compreender, valorizar e promover estas três dimensões e as correlações que se estabelecem entre elas. Pretende-se, desta forma, contribuir para um maior conhecimento desta cultura arquitetónica, para melhorar as estratégias de salvaguarda e conservação deste património, reforçar os laços de identidade cultural e simultaneamente potenciar um uso turístico sustentável.

Em Portugal a Paisagem vinhateira do Pico foi selecionada como caso de estudo a par de mais seis WHS dentro da EU (Aldeias com igrejas fortificadas, Roménia; Holašovice, República Checa; Centro Histórico de Pienza, Itália; Cidade Fortificada de Cuenca, Espanha; Centro Histórico de Corfu, Grécia e Old Rauma, Finlândia). Upper Svaneti (Georgia) foi selecionada como caso de estudo do espaço do Conselho da Europa.

### Palavras-chave

Património vernáculo europeu – *World Heritage Sites*; Paisagem da cultura da vinha do Pico – estudo de caso comparativo europeu; Programa *Creative Europe* – Projeto “3D Past Living & virtual visiting European World Heritage”.

### Nota biográfica

Goreti Sousa

Doutoramento pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha (2012). DEA em Pré-história, pela FXH-USC, Espanha (2003). Licenciatura em História pela FLUP, Portugal (1998).

Diretora Pedagógica da ESG. Colaboradora do Centro de Investigação da ESG. Colaboradora do grupo de investigação Paisagens, Fronteiras e Poderes, integrado no CITEM, colaboradora externa do grupo de investigação Prehistoria, Historia Antiga, Arqueoloxía e Xeografía. Ampla experiência pedagógica nos domínios da História da Arquitetura, História da Arte, História do Design e História do Jardim. Comunicações apresentadas e artigos publicados na área do património arquitetónico e do megalitismo. Docente na ESG desde 2000.

Rui Florentino

Doutoramento em Urbanismo e Ordenamento do Território pela Universidad Politécnica de Madrid (2011). Mestrado em Cultura Arquitetónica Contemporânea e Construção da Sociedade Moderna pela Universidade Técnica de Lisboa (2002). Licenciatura em Arquitetura pela Universidade do Porto (1996). Foi Assessor da Reitoria da Universidade Católica Portuguesa para a Comissão Instaladora do Campus de Sintra e docente da sua Faculdade de Engenharia, de 1997 a 2013, onde coordenou cursos de pós-graduação. Autor de vários projetos de arquitetura e consultor em planos de ordenamento do território e avaliação ambiental. Participa regularmente em júris académicos, organiza conferências e publica tra-

balhos de investigação em livros e revistas. É membro do Conselho Editorial da revista científica *Paisagem e Ambiente*, da Universidade de São Paulo, da Direcção da Ordem dos Arquitectos e do “capítulo” português da International Network for Traditional Building, Architecture and Urbanism (INTBAU Portugal). Docente da ESG desde 2014.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

## 9.

# O PROCESSO CRIATIVO E OS CURRAIS DA ILHA DO PICO

---

## DAMIÃO MATOS

Escola Superior Gallaecia (Vila Nova de Cerveira). Email: damiaomatos@esg.pt

### Resumo

A criatividade manteve-se à margem da investigação científica até à segunda metade do século XX. Paul Guilford propôs o conceito de “pensamento divergente” na década de 50, quando percebeu que as pessoas criativas tendem a exibir este tipo de pensamento mais do que outros, associando o pensamento divergente à criatividade. José Antonio Marina na sua obra publicada em 1994 *Teoria de la inteligencia creadora* defende que a capacidade de projetar, de problematizar, de ter curiosidade e julgar não estão tão longe umas das outras pois todas se relacionam com a capacidade de criar irregularidades.

No caso da *Paisagem da Vinha da Ilha do Pico*, na sua materialização, está presente o trabalho do Homem e a sua criatividade. Ainda hoje é possível ver currais, adegas, arrecadações, lagares, alambiques e acomodações para os jornaleiros que vinham de longe. O material construtivo usado é a lava proveniente das covas que eram feitas para a plantação dos bacelos. A capacidade criativa do Homem e o modelo arquitetural usado não foi obra do acaso, antes resultado de uma preocupação.

A intervenção do Homem na ilha do Pico, no que diz respeito à produção do vinho, não alterou a paisagem natural, porque de mais não se tratou do que um arranjo diferente da pedra. Poder-se-ia dizer “que tudo era pedra e tudo pedra ficou”.

### **Palavras-chave**

Modelo arquitectural na Paisagem da Vinha da Ilha do Pico; Criatividade e “pensamento divergente” (Paul Guilford).

### **Nota biográfica**

Damião Matos, Porto, 1956, professor do curso de Artes Plásticas e Multimédia da Escola Superior Gallaecia, Vila Nova de Cerveira. Doutorou-se em Arte Contemporânea, Investigação e Criação, no Departamento de Pintura da Faculdade de Belas Artes de Pontevedra, Universidade de Vigo, Espanha, onde atualmente desenvolve um Pós-Doc. Enquanto docente a sua atividade é nos domínios da Arte Contemporânea e Metodologias de Investigação em Artes. É membro do Centro de Investigação da Escola Superior Gallaecia (CI-ESG) e coordenador da linha de investigação de Artes, Multimédia e Design, trabalhando atualmente no projeto 3DPAST European Research Project. Como artista visual desenvolve trabalho no âmbito da “integração da obra fragmentada na arquitetura do espaço”.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# 10.

## UM ALMOÇO HÁ 120 ANOS

---

### PAULA MONTES LEAL

Investigadora do CITCEM. Email: [aleal@letras.up.pt](mailto:aleal@letras.up.pt)

#### Resumo

No dia 4 de Outubro de 1898, António Bernardo Ferreira III, filho de D. Antónia, recebia, na sua quinta do Vesúvio, os participantes no 5º Congresso Internacional da Imprensa que se realizou em Lisboa entre 26 e 29 de Setembro e que contou com a presença de 323 jornalistas de diferentes países do mundo. Após o fim dos trabalhos, houve um extenso programa social que movimentou mais de quatrocentas pessoas e que terminou com a visita à região vinhateira.

O congresso, por várias razões – entre as quais a falta de liberdade de imprensa acusada pelos jornais republicanos nacionais –, causou algum impacto no país, o que é bem demonstrado pelo que certamente terá sido o enorme esforço logístico e financeiro (mesmo sob padrões actuais) de trazer esse grande número de convidados desde a capital até ao norte do país.

Numa época em que as quintas do Douro não tinham fins turísticos, há uma grande modernidade neste empreendimento de António Bernardo Ferreira que tem, provavelmente, como objectivo divulgar os produtos da sua casa de vinhos. Mas de notar, também, o grau de influência social que se adivinha, tal como o seu poder económico, ao conseguir levar a cabo este evento na quinta do Vesúvio.

### **Palavras-chave**

Arquivos; Quinta do Vesúvio; 5º Congresso Internacional da Imprensa (1898); Episódio inédito de divulgação da vitivinicultura do Douro.

### **Nota biográfica**

Licenciada em História, variante Arte pela FLUP. Pós-Graduada em Ciências Documentais – Arquivo pela FLUP, e Mestre em Ciências da Informação e da Documentação – Área de Arquivos pela Universidade de Évora. Integrou o grupo de trabalho formado para a instalação do Museu do Douro, tendo participado no Projecto de Inventariação do Arquivo Histórico do Instituto do Vinho do Porto. Ainda neste âmbito, coordenou o Projecto de Inventariação do Arquivo da Casa do Douro e ocupou o cargo de coordenadora do Centro de Informação do Museu do Douro. Foi docente no Curso de Especialização em Ciências Documentais – Arquivos da Universidade Portucalense e responsável técnica pelo Arquivo Histórico Casa Ferreirinha. Actualmente coordena projectos de organização de arquivos nas empresas Symington e Super Bock Group. Foi investigadora do GEHVID. É investigadora do CITCEM, no grupo «Valores de Transação/Valores em Transição».

# 11.

## TRABALHOS E TRABALHADORES NA QUINTA DO VESÚVIO EM 1870

---

### ALBANO VISEU

Investigador integrado do CITCEM/FLUP. E-mail: albanoviseu@gmail.com

#### Resumo

A quinta do Vesúvio, pela sua localização geográfica, poderia ter sentido um encapsulamento maior no seu território de implantação, se não tivesse beneficiado de vias de comunicação que para além de lhe levarem a mão-de-obra, os géneros alimentares e os produtos necessários à vinha, às oficinas vinárias e aos armazéns, também serviram de suporte importante para conseguir escoar a sua produção.

Os trabalhos de reconversão de vinhedos, de construção de muros e socialcos, do granjeio da vinha, da colheita das uvas e dos tratamentos dos vinhos obtidos envolveram trabalhadores de concelhos próximos da quinta e jornaleiros, empreiteiros, feitores e artistas de vários ofícios de concelhos mais distantes, e da Galiza, que deram origem a movimentos populacionais sistemáticos que ano após ano se foram constituindo em busca de trabalho.

O presente estudo visa analisar o movimento populacional que se constituiu ao longo do ano de 1870 para reforçar a mão-de-obra local nos trabalhos e tarefas oferecidos pela quinta, desempenhando uma função específica e cumprindo um contrato a troco de um salário.

Na dimensão estabelecida entre o território e a envolvente social, houve um cenário que aclimatou uma vivência e que proporcionou uma revolução na configuração da paisagem, num processo que se estabeleceu em torno da cultura da vinha e do vinho e em que a colaboração humana se tornou impulsionadora e essencial.



## Palavras-chave

Granjeio; Quinta; Vindima; Trabalhador; Jorna; Empreitada.

## Nota biográfica

Albano Viseu é doutorado em História pela FLUP (2007), onde se licenciou em 1978. Domínio de investigação: as comunidades rurais transmontanas, suas mudanças e movimentos sociais.

Trabalhos produzidos: *As Memórias do Estado Novo no espaço rural* (estudo antropológico de um tempo histórico na freguesia do Romeu); *Clemente Menéres e a luta pela construção da Linha do Tua*; *Alterações na linha do Tua*; *Memórias do CAICA*; *A simbologia das Palavras e a revolução silenciosa*; *As quintas do Douro*; *Reflexões sobre a Emigração no Romeu e no Cachão*; *A memória do Outro: o sistema de valores dos transmontanos no Estado Novo*; *Desenvolvimento industrial de Mirandela: a CUF, o CAICA e a fábrica de cortiças da Sociedade Clemente Menéres, Lda.*; *A “fábrica velha” – uma cápsula no tempo*; *Alto Douro e Pico: territórios de pedra, territórios de vinho*.

Livros publicados: *Memórias históricas de um espaço rural: três aldeias de Trás-os-Montes (Coleja, Cachão e Romeu), ao tempo do Estado Novo*; *O Alfaiate de Mirandela*; *A Simbologia das Palavras*; *Desenvolvimento da periferia transmontana: a Linha do Tua e a Casa Menéres*; co-autor em *A Linha do Tua (1851-2008)*; *Memória oral e história do Vale do Tua: materiais de um projecto*.

# 12.

## A 1ª REPÚBLICA NA REGIÃO DURIENSE

---

### CARLA SEQUEIRA

Investigadora integrada do CITCEM. Email: carla.m.sequeira@sapo.pt

#### Resumo

Segundo afirmam alguns autores, o republicanismo português caracterizou-se por uma “dinâmica de crescimento” (SAMARA, 2010), de modo particular nas vésperas da implantação da República, em 1910.

Contudo, outros historiadores (por exemplo, MARQUES, 1978) sugerem que o processo de republicanização ficou marcado por acrescidas dificuldades de penetração nas zonas rurais, de modo particular no interior do país.

No caso particular da Região Duriense, a implantação do republicanismo ficaria a dever-se à acção de notáveis locais e proprietários vitícolas, alguns dos quais pertencentes à “geração do *Ultimatum*”, uma nova geração de militantes republicanos que se caracterizaria pelo pendor revolucionário, recrutados entre os estudantes da Universidade de Coimbra.

Com a presente comunicação pretendemos reflectir sobre a evolução do regime republicano na Região Duriense (1910-1926), partindo das seguintes premissas:

- i) a implantação da República e as estratégias de consolidação do regime;
- ii) a evolução política e partidária do Alto Douro e os desafios à predominância do Partido Republicano Português;
- iii) a influência da “questão duriense” no posicionamento político das elites regionais;

iv) As novas configurações políticas, da “República Nova” ao fim da “Primeira República”.

### **Palavras-chave**

Regime Republicano na Região do Douro (1910-1926); Acção Dinamizadora de notáveis e proprietários vitícolas durienses.

### **Nota biográfica**

Carla Sequeira é mestre em História Contemporânea (1999) e doutorada em História (2010) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É investigadora integrada do CITCEM. Entre 2011 e 2017 foi Bolseira de Pós-Doutoramento da FCT, com o projecto “Antão Fernandes de Carvalho e a República no Douro” (integrado no projecto do CITCEM “O Douro Vinhateiro na Primeira República: Defesa da Denominação de Origem e Construção de uma Identidade Regional” e tendo como Instituição de Acolhimento a FLUP/CITCEM) Tem apresentado comunicações e conferências em diversos encontros científicos e colaborado com diversas revistas científicas nacionais e internacionais, versando a história social, institucional e política do Alto Douro na época contemporânea.

# 13.

## QUADRANGULAÇÃO NA FORMAÇÃO DE REGIONALIDADE COMO EXPERIÊNCIA: DO ALTO DOURO À ZONA DO PICO

---

### SHAWN S. PARKHURST

Associate Professor, Department of Anthropology, University of Louisville, Louisville, Kentucky, USA.

#### Resumo

Nesta comunicação tenciono comparar “quadrangulação” no Alto Douro e na zona do Pico, nos Açores. Numa análise ainda por publicar, argumento que a gente de classe social baixa nas aldeias durienses faz (sem anunciar o facto) duas comparações que se entrecruzam: uma comparação entre a sua aldeia e uma aldeia próxima, e uma comparação entre a sua região e outra região próxima. Tal quadrangulação leva, nalguns contextos, a excluir do modelo local da região gente da aldeia próxima. Um elemento fulcral da quadrangulação descrita é o contacto envolvendo gente humilde que circula entre as aldeias e entre as regiões, sobretudo para trabalhar. É um processo simbólico de informar um sentido de região que se cruza com o das elites, mas que não deriva dele. Cheguei a articular a comparação feita por via de um de trabalho de campo intensivo, que me levou a entender que o processo faz parte da vida quotidiana. Enfatizo-a em parte como maneira de evitar tratar a região, e assim a regionalidade abrangendo a maioria da população regional, como uma essência dada pelo solo, e também de evitar tratá-la como um simples resultado da força económica do Porto. A Ilha do Pico entra no meu horizonte analítico por várias razões. Basta dizer que a comparação com o Alto Douro é tão óbvia como a tentação de cair no erro de “essencializar” a organização humana do Pico como fadada a ser o que é pelo solo ou por ser dominada pela cidade da Horta e pelo seu porto. Ao mesmo tempo, parece certo que sem a força constrangedora da Horta, o Pico já teria outra organização. É possível,

então, que com a Horta tenhamos uma versão das relações dentro duma região que servem como mola da produção de regionalidade, mas de certeza já com outras dimensões das que discerne entre povoações diminutas no Alto Douro. Outro exemplo: a produção de vinho na Ilha de São Jorge obtinha tanta força, no século 16, que parece ter estimulado a produção de vinho no Pico, para depois ver esta aumentar (possivelmente à sua própria custa).

Assim temos uma versão da relação “entre regiões” incluídas na quadrangulação que produz a experiência de regionalidade. Neste caso, então, a quadrangulação poderá envolver as “ilhas do triângulo” que existem no centro do arquipélago açoriano. Esboçar o envolvimento de feições geográficas, populacionais, políticas, e históricas numa possível quadrangulação – fazer de três quatro – será o objectivo da minha comunicação. Ainda não conheço nenhuma ilha dos Açores pessoalmente.

Assim, encontrar a perspectiva que procuro – a do “povo” – dará o trabalho de examinar vários tipos de escritos para neles discernir (ou não) tal perspectiva. Por já o conhecer, começarei com o romance *Mau Tempo no Canal*. (Vitorino Nemésio o encheu de vários ângulos de visão em termos espaço-sociais).

### Palavras-chave

Comparabilidade entre duas regiões, o Alto Douro Vinhateiro e a Ilha do Pico (Açores); Transdisciplinaridade e literatura portuguesa; Produção de regionalidade.

### Nota biográfica

Associate Professor, Department of Anthropology, University of Louisville, Louisville, Kentucky, USA.

Publicações recentes – artigos e capítulos:

PARKHURST, Shawn S. (2017) — *A constelação chamada Douro chama*. «Revista da Aldraba – Associação do Espaço e Património Popular», 21: 8. Lisboa: [s. n.].

\_\_\_\_ (2014) *A subjectividade no Ciclo Port Wine. A dura aprendizagem da esperança*. In GODINHO, Paula; REDOL, António Mota, eds. — *Alves Redol – o olhar das ciências sociais*. Lisboa: Edições Colibri, p. 393-410.

\_\_\_\_ (2008) *Local Correspondence: A Village Writer's Contribution to the Cultural Production of Regionality in the Alto Douro of Northern Portugal*. In ROSEMAN, Sharon R.; PARKHURST, Shawn S., eds. — *Recasting Culture and Space in Iberian Contexts*. Albany: State University of New York Press, p. 225-249.

No prelo:

*In Regional Fits and Local Starts: Ethnography and Spatial Paradox in Portugal's Port Wine Zone.* Lanham, MD: Lexington Books. ISBN-13:978-0739141342.

# 14.

## SINGULARIDADE DE UMA ILHA E IDENTIDADE DE UM POVO: O HOMEM E A CULTURA DA VINHA DO PICO

---

**MARIA MACIEL**

Investigadora do CITCEM

### Resumo

A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico é um Património que revela a singularidade de uma ilha e a identidade de um povo. Uma ilha num contexto de nove ilhas dispersas – os Açores – na lonjura do mar e do continente de origem dos primeiros povoadores. A propósito disse Nemésio: “A geografia, para nós vale outro tanto como a História [...] Como as sereias temos uma dupla natureza: somos de carne e pedra. Os nossos ossos mergulham no mar”. *Aqui o mar está sempre presente. Aqui “só o mar é eterno e necessário”. Perante esta realidade envolvente há que ser marinheiro, seja por vocação seja por necessidade.*

A ilha do Pico é também a ilha de constituição geológica mais recente. Gaspar Frutuoso descreve-a nas *Saudades da Terra* como “terra fragosa de biscoito e pedraria viva e não tem mais terra do que a que se faz das folhas das arvores” [...] “*com abundância de biscoitos com o fogo que por muitas vezes tem rebentado até agora... correram pela terra e cobriram grande parte dela, ficou com aquela pedra mais quente*”.

A luta pela sobrevivência, além da força e engenho de enfrentar o mar, obrigou a num trabalho variado que exigiu o desenvolvimento em simultâneo de múltiplas capacidades humanas – e entre elas inventabilidade, maleabilidade, tenacidade, competências imprescindíveis para povoar e “arrotear” uma ilha de lava que não oferecia terras propícias à cultura do trigo, como então se pretendia.

Dos trabalhos de sujeição e experiências várias, há a salientar, desde o século XV nas zonas primeiramente povoadas – e com sucesso – a plantação da vinha e a produção do vinho, estendendo-se por fim a toda a ilha, e que ocuparia particularmente a zona Oeste, onde a lava predomina. Aí floresceria o famoso vinho verde. Para tal foi preciso moldar um espaço adequado de currais de pedra e de estruturas complementares construídas pedra a pedra pela mão do homem, dando origem ao que hoje é a Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, um Património Mundial.

### Palavras-chave

Ilha do Pico; A vinha e a lava; Vinho verde; História e geografia.

### Nota biográfica

Maria de Jesus Maciel, natural de S. João Lajes do Pico, 1946. É licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1976). Mestre em Estudos Portugueses – Literatura e Cultura Portuguesas (1994), e doutorada em Cultura Portuguesa – século XX, pela Universidade Nova de Lisboa, (2008). Professora de História no Ensino Liceal e Secundário e de Cultura Portuguesa no Ensino Superior dedica-se à investigação integrada no CITCEM (Universidade do Porto), e no Centro de Investigação do CHAM e do CESEM da Universidade Nova de Lisboa. Apresentou trabalhos e comunicações em congressos, colóquios, revistas, boletins e jornais. Publicou os livros: *Imagens de Mulheres – estudos das representações femininas nos provérbios e nos contos do Padre Dinis da Luz*, em 1999; *A Filarmónica Recreio dos Pastores – 1907-2007 – um percurso de sons e de memórias*, em 2007; *Casa de Povo de S. João – Uma Casa de Abril*, em 2009; *A Casa do Espírito Santo*, em 2011, e *A Obra Literária de Bernardo Maciel*, edição crítica de Maria de Jesus Maciel, em 2012. Organizou, coordenou e editou a Obra do Maestro e Compositor Manuel Emílio Porto, em 2015, livro *Maria na Música na constante da História Açoriana*. Tem em preparação trabalhos sobre a História e Cultura do Pico, o estudo sobre a Mulher em *Mau tempo no Canal* e o *Inventário Musical do Compositor Manuel Emílio Porto* – CESEM.



# 15.

## OS MARÍTIMOS DO MUNICÍPIO DA MADALENA — ANÁLISE DEMOGRÁFICA DIFERENCIAL (SÉCULOS XVIII-XIX)

---

**CARLOTA SANTOS**

U. Minho/CITCEM

### Resumo

A exploração das informações proporcionadas por uma base de dados demográfica e genealógica construída para as freguesias que integram o município da Madalena (Ilha do Pico), constitui o principal suporte para a análise que se pretende desenvolver na presente comunicação.

A metodologia de “reconstituição de paróquias” (AMORIM, 1991) utilizada neste trabalho implicou a recolha serial dos dados vitais fornecidos pelos registos de nascimentos, casamentos e óbitos produzidos entre 1670 e 1970 para as paróquias de S. Mateus/S. Caetano (AMORIM, 1992), Criação Velha (MESQUITA, 1998), Madalena, Candelária e Bandeiras (SANTOS, 2004).

No sentido de detectar comportamentos diferenciados no interior da população, procedeu-se seguidamente à inserção nesta base, por cruzamento nominativo, das informações relativas à actividade profissional dos homens em idade activa, facultadas por mapas e listagens da população produzidos durante os séculos XVIII e XIX. As fontes oitocentistas permitiram localizar ao longo do litoral a implantação de agregados familiares cuja sobrevivência dependia quase exclusivamente dos recursos oferecidos pelo mar. Classificados como “marítimos” os chefes destas famílias podiam ser pescadores, remadores, baleeiros ou navegantes, geralmente sem acesso à propriedade de embarcações.

Numa sociedade tipicamente rural e estruturada em função de uma economia de subsistência, viver exclusivamente da pesca nem sempre era viável. A inconstân-

cia do mar e a sua inclemência no Inverno impediam os pescadores de manterem uma actividade permanente e, neste contexto instável, alguns acabariam por se dedicar alternada ou simultaneamente ao trabalho rural, garantindo assim o sustento do agregado doméstico.

Adoptando uma perspectiva micro-analítica, visamos evidenciar neste estudo a especificidade de comportamentos demográficos que distinguiram a população marítima da região da Madalena relativamente aos restantes sectores de actividade laboral: diferenças acentuadas nas idades médias ao casamento, nas taxas de fecundidade legítima e nos níveis de esperança de vida.

### **Palavras-chave**

Comportamentos demográficos da população marítima da Madalena – Ilha do Pico (Açores); Metodologia de “reconstituição de paróquias”; Micro-análise demográfica (séculos XVIII-XIX).

### **Nota biográfica**

Licenciatura em Relações Internacionais e Política Comparada pela Universidade Católica de Lovaina (1976).

Mestrado em História da Colonização e Migrações Portugal/Brasil, área de especialização em Demografia Histórica, pela Universidade do Minho (1998).

Doutoramento em História, área de especialização em Demografia Histórica, pela Universidade do Minho (2005).

Docente no Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, desde 1998.

Investigadora do Núcleo de Estudos de População e Sociedade (NEPS) na Universidade do Minho, entre 1995 e 2007.

Coordenadora do Grupo de História das Populações do CITCEM, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, entre 2007 e 2014.

Participou em vários projectos de investigação financiados por entidades nacionais e internacionais.

Foi Investigadora responsável dos seguintes projectos, financiados pela FCT:

- “Portugal, país de mortalidade excepcionalmente favorável? Aprofundamento micro-analítico (séculos XVII a XX)” – POCI/HAR/60940/2004, Universidade do Minho – Braga, 2005-2008;

- “Espaços urbanos: dinâmicas demográficas e sociais (séculos XVII-XX)” – PTDC/HIS-HIS/099228/2008, Universidade do Minho – Braga, 2010-2013.

Desenvolve actualmente actividades de investigação no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da Universidade do Minho e no CITCEM (Grupo de Populações e Saúde).

# 16.

## ECOTURISMO NAS PAISAGENS CULTURAIS VINHATEIRAS DO PICO E ALTO DOURO, PATRIMÓNIO MUNDIAL: VALORIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

---

### LÍDIA AGUIAR

Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo – IS CET. CITCEM  
Email: lidia-aguiar@hotmail.com

#### Resumo

Nesta comunicação, pretende-se identificar e avaliar potencialidades e limitações da evolução e desenvolvimento sustentável das paisagens numa comparação entre as duas áreas vinhateiras portuguesas reconhecidas pela UNESCO como Património Mundial: o Alto Douro Vinhateiro (paisagem cultural, evolutiva e viva desde 2001) e a Ilha do Pico (paisagem cultural desde 2004). Será especialmente abordado o Parque Natural da Ilha do Pico e o seu contributo para a manutenção da paisagem bem como o incremento dado ao desenvolvimento turístico desta área, analisando-se as alterações verificadas na arquitetura, na fauna, na flora e com particular interesse nas populações locais. Por consequência, para obtenção de uma observação comparativa, idêntico estudo será feito para o Alto Douro Vinhateiro, sendo que neste território, nos concentraremos muito em especial no turismo verde ou ecoturismo, observando-se de forma análoga os mesmos tópicos. Particular atenção será dada aos principais pilares da sustentabilidade verificando-se como estão presentes nestes territórios e de que forma se manifestam: a preservação ambiental, a preservação dos valores culturais e o desenvolvimento social e económico das populações locais. Dado o estudo se encontrar em zonas reconhecidas pela Unesco como Património Mundial, a sustentabilidade dos territórios e em particular a preservação das suas paisagens são de primordial interesse. O reconhecimento pela UNESCO por si só acarreta obrigações de preservação, porém, em contrapartida as zonas reconhecidas vêm

aumentados os seus fluxos turísticos, pelo que a gestão assertiva e a implementação de medidas que preservem e apliquem o desenvolvimento sustentável devem ser uma constante de quem gere estes espaços, correndo o perigo de degradação da paisagem e perda de autenticidade do património imaterial essencial ao desenvolvimento do turismo verde e à manutenção de uma dinâmica de sustentabilidade turística.

### **Palavras-chave**

Parques Naturais; Ecoturismo; Desenvolvimento Sustentável; Património Mundial; Turismo.

### **Nota biográfica**

Mestre em Turismo e Desenvolvimento de Negócios. Licenciada em História. Doutora em Ciências do Turismo, pela Universidade de Girona. Tem centrado a sua atividade na investigação de projetos, em diversas áreas a decorrer no Centro de Investigação Interdisciplinar e Intervenção Comunitária (CIIC), no ISCET. Dedicar-se à área da investigação aplicada aos itinerários turísticos e culturais e à investigação em sustentabilidade turística em territórios de baixa densidade. Participa em vários Congressos Nacionais e Internacionais. Tem vários artigos publicados. É membro do CITCEM desde 2013. Atualmente é professora coordenadora no Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo onde leciona várias Unidades Curriculares no âmbito do Turismo.

Nota: Texto escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico.

# 17.

## O DOURO E O PICO DE RAUL BRANDÃO: APROXIMAÇÃO DIALÓGICA

---

### OTÍLIA LAGE

Investigadora integrada do CITCEM. Email: otillialage@sapo.pt

#### Resumo

Donde as águas do Douro se confundem com as do Atlântico, Raul Brandão (1867-1930), mestre da moderna literatura lusófona, natural da Foz do Douro, ancoragem biográfico-cultural que informa a sua escrita “universal” (REYNAUD, 1995), projecta em dinâmica pictoral e sensorial de “colorida visão” (TORGA, 1995) e “paisagem sempre humana” (LOPES, 1987) estas duas espácio-temporalidades, nos livros de entrelaçamento literário: *Portugal Pequeno* (co-autoria com Maria Angelina, 1930), e *Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens* (1926), duas obras ímpares da sua maturidade literária e fase solar (CASTILHO, 2006), pouco ou nada investigadas na perspectiva da paisagem, tema aí dominante. Relacionada com o caso das “paisagens-património”, de múltiplas apropriações, a paisagem “representação de um sistema de relação entre natureza e cultura, portanto uma construção cultural sobre o território” (RIBEIRO, 2016) é aqui revisitada no sentido de que não há senão “híbridos de natureza-cultura que se escalonam entre os dois extremos... onde as relações humanas não são puramente sociais, nem as coisas são puramente naturais” (RHEINEBERGER, 2013). Faz-se uma aproximação comparativa a Douro e Pico, inscrições espácio-temporais de traços e rastros de culturas da vinha e fabrico de vinhos de fama mundial, assente na análise dialógica de um *corpus* textual brandoniano recortado em dois capítulos das obras referidas, respectivamente: *Duas Gotas* e *O Pico*, textos onde opera o sentir iconográfico da “surpresa rediviva... de testemunhar a inesgotabilidade do

real... de solidariedade com a pobre gente do litoral continental e açoriano... um testemunho da vida mais intensa...” (LOPES, 1990). Ensaia-se uma abordagem entre literatura e socio-história orientada pela noção de “cronotopo artístico” (metáfora do “espaço-tempo” da teoria da relatividade de Einstein), que se explicita: “Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível, o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. [...] o processo de assimilação do cronotopo do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles – têm fluido complexa e intermitentemente” (BAKHTIN, 1988).

### **Palavras-chave**

Douro Vinhateiro; Ilha do Pico; Paisagens-Património: Dialogia e Cronotopia; Raul Brandão; História e Literatura.

### **Nota biográfica**

Investigadora Integrada do CITCEM-FLUP, professora auxiliar convidada da Universidade Lusófona do Porto, investigadora e membro da direcção do CEPHIS (Moncorvo) e da equipa redactorial da sua revista. Mestre em História das Populações e Doutora em História Moderna e Contemporânea (UMinho, 1995 e 2001); Pós-doutorada em Estudos Sociais e Históricos, (CES-UC, 2007); Pós-graduada em Bibliotecas, Arquivos, Documentação (Faculdade de Letras-UC, 1980); Especializada em Administração Escolar (IPP, 1992). Autora, Col., Org. e Coord. de livros, artigos científicos, ensaios, conferências, cursos de ensino superior e projectos em áreas de sua especialidade.



Cofinanciado por:



UNIÃO EUROPEIA  
Fundo Europeu  
de Desenvolvimento Regional

APOIOS:



Museu do Douro

